



CORPO

rafaeldamascenoaires@gmail.com

corpo, artista maranhense, residente no ceará. Trabalha com ferramentas digitais amadoras, transitante entre a documentação autobiográfica, materializada na manipulação de arquivos pessoais, e a ficção, confabulando outras formas de corpos como o seu habitarem o mundo. Transmuta corpos e narrativas no cyber espaço.



corpo

corpo

em 2023 desenvolvi essa colagem digital, cujo título ainda não se revelou, acompanhada de textos que sensibilizavam a imensidão de sensações vividas naquele momento. A imagem mostra alguns dos seres encontrados nos trajetos do dia-a-dia. Desde então passei a perceber o trânsito, o deslocamento como lugar - ou não - a ser investigado, com toda a vertigem que me traz ao, por exemplo, passar duas em um ônibus lotado, com todos os seus pormenores, para chegar no trabalho e posteriormente passar mais uma hora e meia para chegar na faculdade. Entendi aquelas aparições como elementos pulsantes, sinalizando a necessidade de atenção para o borrão entre os pontos de chegada e partida. Então Trago aqui, além da própria colagem, um dos textos mencionados anteriormente, no qual trata de alguns dos trânsitos percebidos em minha vida, os quais escondiam segredos tão delicados e perigosos quanto as asas de uma mariposa.

corpo

a imensidão desse encontro não se acha em nada cujo imaginário deles seja capaz em seu mais doloroso esforço. Delicadamente, sob os pés dos que não nos chegam, eu e tu percorremos distâncias, deixamos rastros em solitude. É feito o chamado aos como nós, é deixado o convite para descansos potentes e caminhos outros, de modo que, ao me permitir ser visto, já serei quem nunca conheceram, já serei plural, fruto de tantas intimidades e amores. Possamos partir então, não do lar da fronteira, mas do borrão que dá lugar ao desabrochar de sentires esquecidos há encarnações. Vivi e vivo cortes marcantes para evocar aqui o deja vú de um sonho cujo deslumbre me atormenta, em contraste com o já presenciado. É almejo de viver. Orações para nós mesmos, sussurros na calada da noite, no íntimo, ao encarar o reflexo. É onde vozes, sobrepostas de todos os tempos ecoam, habitam, emaranhando-se. Absorvem em movimentos quase que peristálticos, provocando então o que eles jamais poderão ver.

